



Para os meus filhos: Francisco, Afonso e Miguel.
Serão (para sempre) os meus pequeninos!

CL

Dedico estas ilustrações à professora Engrácia Vilaça,
por mostrar ao meu filho que a escola pode ser um lugar fantástico.

MP

TÍTULO
Mãe, eu não quero crescer

TEXTO
© Celina Lopes

ILUSTRAÇÕES
© Marcin Piwowarski

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Alfarroba

REVISÃO E EDIÇÃO
Andreia Salgueiro | Alfarroba

PAGINAÇÃO
Andreia Salgueiro | Alfarroba

DESIGN
Alfarroba

TIPOGRAFIA TÍTULO
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Espanha

ISBN
978-989-9197-44-2

DEPÓSITO LEGAL
544 538/25

1.ª edição, abril 2025

Uma edição fraterna da Alfarroba
© abril 2025, Alfarroba

telefone: 210 998 223

e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem
a prévia autorização da editora.

MÃE, EU NÃO QUERO CRESCER



No dia em que fiz seis anos, os meus pais disseram-me:

— Parabéns, estás um crescido; em setembro vais para a escola.

Sorriram. Um ar de felicidade imensa. Como se ir para a escola dos meninos grandes fosse uma coisa boa. Eu ainda não percebia grande coisa sobre a passagem do tempo e setembro parecia-me longínquo. Não me preocupei e segui o conselho que a minha avó me costumava dar:

«Não ponhas o carro à frente dos bois!» — que é a mesma coisa que dizer «um dia de cada vez!».

Depois das férias do verão, já eu me tinha esquecido e dado o assunto por encerrado, a minha mãe lembrou-me:

— Francisco, segunda-feira começa a escola. — Novamente aquele ar de felicidade que eu não conseguia entender. Na tentativa de fechar a questão, disse-lhe:

— Mãe, eu não quero ir à escola.

A minha mãe ficou chocada. Acho que parou de respirar por uns segundos, como se aquilo que eu acabara de dizer fosse a coisa mais terrível do mundo. Depois de pensar durante um bocado, com um ar muito sério, como quem diz uma verdade universal, disse-me:

— Francisco, ir à escola é bom. Aprendes coisas novas, fazes amigos. Aprendes a ler e a escrever e a contar. Tu tens de ir à escola.

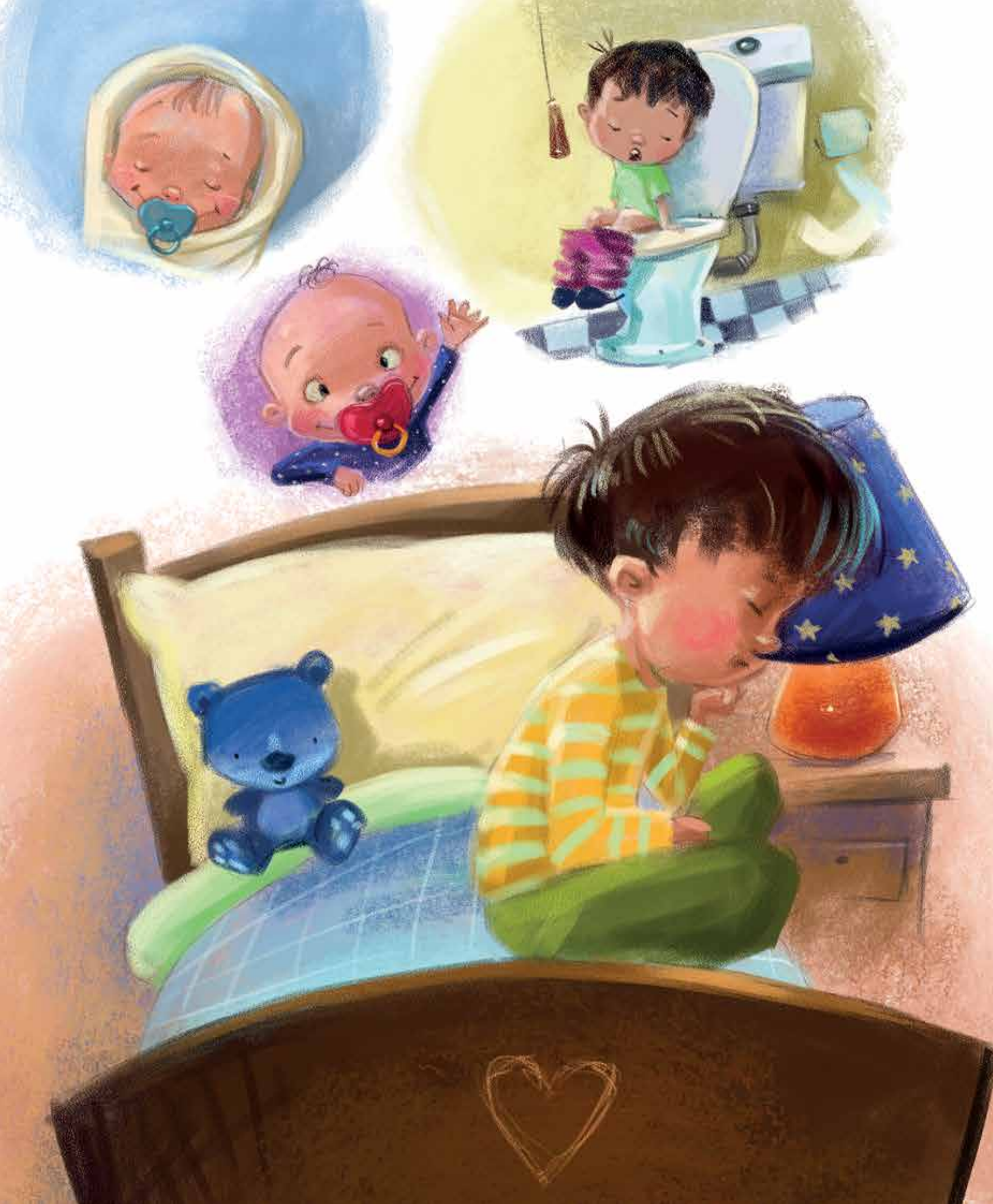
Contra a minha vontade, os meus olhos começaram a ceder e deixaram cair duas lágrimas. Uma vez que já tinha dado parte de fraco, implorei:

— Por favor, mãe; eu não quero ir à escola.

Chorei como um bebé, baba e ranho, tudo junto para a cena ser bem dramática. Repeti: eu não quero ir à escola, eu não quero ir à escola, eu não quero ir à escola.

A mãe ficou sem palavras, abraçou-me e não disse mais nada. Mas eu sabia que o assunto não estava arrumado.





Fui para o quarto, sentei-me na cama a pensar na minha pequena vida. Para começar, o meu número preferido já não era o seis; tinha de arranjar outro, talvez o sete. O número seis carregava muitas mudanças e eu não gosto disso. Em segundo lugar, cheguei a uma brilhante conclusão: depois de tudo o que os meus pais me fizeram passar nos últimos anos, só faltava mesmo obrigarem-me a ir para a escola. Resumindo:

- 1.º — deram-me um irmão e depois outro (e eu não pedi nenhum);
- 2.º — deixaram-me a dormir sozinho no meu quarto (e eu também não pedi);
- 3.º — disseram-me que eu não podia fazer xixi nem cocó na fralda, que tinha de usar a sanita, como os grandes (não me lembro de ter pedido para ser grande);
- 4.º — fizeram desaparecer as minhas deliciosas chuchas, todas, assim de uma vez (como se eu não precisasse delas);
- 5.º — tinha de ir para a escola (e ninguém me perguntou se eu queria).

Por tudo isto, decidi:

EU NÃO QUERO CRESCER!